

CAPÍTULO 17

PERTENCIMENTO AO CAMPO: A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFA) COMO POSSÍVEL LUGAR DE POTENCIALIZAÇÃO DESTE SENTIMENTO.

Belonging to the field: the Farmer school (EFA) as a possible place to enhance this feeling.

BARBOSA¹, Jussara; SILVA², Augusto.

¹barbosa.sara17@gmail.com; Jussara Barbosa de Araújo; Universidade Federal de Pernambuco;

²augustorodrigo96@gmail.com; Augusto Rodrigo Bezerra da Silva; Universidade Federal de Pernambuco.

Resumo

O presente artigo é resultado de uma aula de campo realizada pela Universidade Federal de Pernambuco, aplicada pela disciplina de Geografia Agrária. Em terras cearenses foi observado a vivência no campo pela perspectiva do agricultor e seu sentimento de pertencimento ao lugar, além da importância das EFA's para ensinar aos futuros agricultores o conhecimento sobre suas terras e de como podem continuar com as atividades do campesinato de suas famílias ao mesmo tempo que fora descoberto de forma empírica a escassez da continuidade pelas gerações seguintes e o afastamento dos sucessores do campo para viver uma vida na cidade grande.

Palavras-chave: Campo; EFA'S; Pertencimento.

Abstract

This article is the result of a field class conducted by the Federal University of Pernambuco, applied by the discipline of Agrarian Geography. In Ceara lands was observed the experience in the field from the perspective of the farmer and his sense of belonging to the place as well as the importance of EFA's to teach future farmers knowledge about their land and how they can continue with their families' peasantry activities. At the same time, the scarcity of continuity for subsequent generations and the removal of successors from the countryside to live a life in the big city had been empirically discovered.

Keywords: Field; EFA's; belonging

INTRODUÇÃO

Existe uma tentativa de conceituar o campo como espaço apenas de produção de mercadorias, ignorando a dimensão de campo como espaço de vida. A economia não é a totalidade, é apenas uma dimensão do território. O campo como espaço de vida nos permite enxergar as diversidades, dificuldades, cultura, educação, modo de vida de quem vive e constitui esse espaço. “O agronegócio organiza o seu território para a produção de

mercadorias, dando ênfase a esta dimensão territorial, o campesinato organiza o seu território para realização de sua existência, necessitando desenvolver todas as dimensões territoriais. Esta diferença se expressa na paisagem. (FERNANDES, 2006).

Desta forma, a educação no campo vem ajudar a construir essa noção de espaço de vida, considerando que a educação deve respeitar e agregar o modo de vida rural; diferente do conceito de escolas rurais que, em síntese, segue a lógica das escolas urbanas, só que dentro do espaço rural. A Escola Família Agrícola (EFA) enquanto escola do campo propõe uma convivência com a realidade a qual está inserida, possuindo assim enorme importância na potencialização do sentimento de pertencimento ao campo, especialmente nos jovens.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir da atividade de campo da disciplina de Geografia Agrária, onde possibilitou a visita aos municípios de Quixadá e Tabuleiro do Norte. Foram feitas observações dos espaços e ouvido relatos das pessoas que vivem a realidade estudada e suas percepções sobre a vida que levam. Descobrir através das conversas como vivem e suas perspectivas de vida, aprendendo também de forma empírica a relação da comunidade com a agricultura e como ela pode influenciar sua vida pessoal e econômica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A EFA é uma escola de ensino médio integrado ao técnico em Agropecuária, no qual o Projeto-Político-Pedagógico respeita o currículo convencional do MEC, acrescentando a vivência, realidade dos alunos e do meio à qual estão inseridos, possibilitando uma formação integral. A Escola Família Agrícola Jaguaribana começou a ser criada em 2016, mas somente em 2017 que iniciou suas atividades, sendo assim, ainda não formou nenhuma turma. Seu foco não é o mercado de trabalho, ela busca o desenvolvimento local sustentável, fortalecendo a agricultura familiar e camponesa e a inserção profissional e dos jovens no meio rural. Seus princípios básicos são a educação como direito; educação do campo libertadora, popular e pedagogia da alternância; agroecologia; convivência com o semiárido e economia solidária.

A EFAJa tem como lema “A educação do Campo e Semiárido, viver no Sertão e fazer o Sertão bem viver!”, expressando um pouco do comprometimento da escola com as discussões da convivência com o semiárido e o modo de viver o Sertão, mostrando a

importância da educação do campo para essa construção. Pudemos registrar ainda dois trabalhos expostos na escola produzidos por alunos (imagem 1 e 2) sobre a convivência com o Semiárido:

Imagem 1 - A convivência por Fábio e Zé Cláudio'



Fonte: Augusto Silva (2019)

Imagem 2 - A convivência por Rosângela, Nayane e Neto



Fonte: Augusto Silva (2019)

Podemos notar essa vinculação dos alunos ao campo através da escola ao conhecer o João (nome fictício), um jovem de Fortaleza que foi passar um período morando com o tio em Tabuleiro do Norte onde conheceu a EFA. O jovem começou a trabalhar no campo com o tio e se matriculou na escola. Seu modo de ver o meio rural se modificou, hoje enxerga o campo como seu lugar e não quer mais voltar a morar em Fortaleza. Atualmente ele mora integralmente na escola, sendo assim, fica responsável por cuidá-la quando os outros alunos vão para casa nos momentos de ida para o ambiente familiar.

Casos como do João não são tão comuns. Conhecemos Dona Vanusa e a família de Seu Braz e Dona Núbia, agricultores de Tabuleiro do Norte que nos contam um pouco de

suas histórias. As filhas de Vanusa saíram do campo e foram pra “rua” (termo usado por ela para se referir a cidade), desde então permanecem no meio urbano e como a própria Vanusa coloca, “Só voltariam se casassem com um rapaz agricultor que trabalhe com a plantação”. Vanusa deixa claro o seu amor pelo campo, pela forma de vida tranquila que leva, expressando que aquele é o seu lugar, mas desabafa que se o marido vier a falecer ela precisará vender suas terras e ir morar na cidade, pois não terá como cuidar de tudo e sobreviver sozinha. Dona Núbia e Seu Braz incentiva sua filha a quando crescer ir para cidade para cursar uma faculdade, quando questionamos qual curso ela deseja fazer ela responde Medicina Veterinária, mostrando que há um vínculo que já foi estabelecido, a zona rural faz parte dela e disso ela não quer se apartar. As questões físicas do semiárido e políticas ainda interferem nessa relação, os pais da menina relatam que se não tivessem conseguido um empréstimo com o governo federal do período conseguiriam ter furado um poço e conseqüentemente não teriam água para suas criações, como resultado não poderiam ter se fixado no seu terreno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, podemos observar que embora as pessoas gostem e se sintam realmente pertencentes ao campo, há diversas barreiras que se levantam para afastá-los de seu lugar, seja a educação (que por vezes aparece como facilitadora e outras como obstáculo), as condições físicas do local, a falta de mão de obra para manter o trabalho que os sustenta e ou a política. “A noção do sentimento de pertencimento nas pessoas é algo que se encontra intrínseco a elas, mas que, no decorrer do tempo cada vez mais está sendo esquecido. (MORICONI, 2014) ”. As dificuldades estão presentes e conviver com elas buscando a cada dia supera-las faz desses sertanejos um povo resistente.

Percebemos que a Escola Família Agrícola enquanto escola do campo contribui para o fortalecimento de um sentimento de pertencimento ao campo por parte dos jovens, alcançando também engajamento da comunidade local com a educação de sua juventude, uma vez que a escola sobrevive de voluntariado e doações da comunidade.

O campo não é atraso, é história vivida. A escola do campo deve ser pensada para que seja viva, e interaja com o lugar e seus sujeitos. Para que a escola do campo seja viva, ela deve ser construída por sua comunidade, pensada para ajudar no processo de desenvolvimento social, para manter a cultura, a raiz e a história daquele lugar. Essa escola deve formar sujeitos participantes e capazes de construir seu próprio caminho, buscando seus direitos e lutando para serem cidadãos do campo. (Rocha et al. 2011)

Uma formação que não visa expulsar as pessoas de seu local de origem, mas pelo contrário, reforçar a importância da permanência dessas pessoas no seu lugar, formando cidadãos e respeitando a realidade do estudante tem muito a contribuir para identificação do campo como lugar para se viver, e viver no campo é resistir!

AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente ao Prof. Dr. Caio Augusto Maciel Amorim e Profa. Dra. Ana Carolina Gonçalves responsáveis pelo trabalho de campo, possibilitando, assim, a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

DOMINGUES, Camila Alessandra. **Lugar e pertencimento: a cidade e o campo na percepção dos jovens da Comunidade Santa Luzia do Baixio, Iranduba, AM.** 2013. 105 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os Campos da Pesquisa em Educação do Campo: espaços e territórios como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

MORICONI, Lucimara Valdambri. **PERTENCIMENTO E IDENTIDADE.** 2014. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

QUEM SOMOS. **Instituto Brotar,** Tabuleiro do Norte, 2018. Disponível em: <https://www.institutobrotar.org.br>. Acesso em: 05/06/2019.

ROCHA, Eliene Novaes; PASSOS, Joana Célia dos; CARVALHO, Raquel Alves de. **Educação do Campo: um olhar panorâmico.** 2011. In: GEPEC: Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Educação do campo.